

# CADERNO DE RESUMOS



## seminário

JOÃO DO RIO no século XXI:  
das ruas, das letras e das artes

28 de setembro ☞ 29 de setembro

30 de setembro ☞ 1 de outubro

ONLINE  <http://bit.ly/labelleuerjnoyoutube>



### ORGANIZAÇÃO

Amanda Danelli (UERJ) | Carmem Negreiros (UERJ) | Marcus Salgado (UFRJ) | Mônica Vermes (UFES)

### REALIZAÇÃO

LABELLE – Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque (ILE-UERJ)  
& GELCON Estudos de literatura contemporânea: comparatismo, tradução e interartes (UTFPR)

### APOIO

PPGL UERJ | PPGL UFES | PPGL UFPR | PPGL UTFPR | FAPERJ

# REALIZAÇÃO

---



# APOIO

---



Programa de Pós-graduação em  
**Letras**



# seminário



## JOÃO DO RIO no século XXI: das ruas, das letras e das artes

### RESUMOS

▶ ANTONIO EDMILSON MARTINS RODRIGUES (UERJ)

**Conferência de abertura: Em busca do método crítico de João do Rio**

▶ ALINE NOVAES (IBMEC)

**A *belle époque* carioca narrada nos *cinematographos* de João do Rio**

“A *belle époque* carioca narrada nos *cinematographos* de João do Rio” tem como proposta discutir as possibilidades da crônica a partir da coluna *Cinematographo*, publicada semanalmente de 11 de agosto de 1907 a 19 de dezembro de 1910 na *Gazeta de Notícias*, e o livro homônimo (1909), produções de Paulo Barreto (João do Rio). Os textos veiculados no periódico revelam o hibridismo do referido gênero, que atribui sentido a uma época de intensas transformações e ressignifica a cidade que se desejava moderna. A crônica do autor assume o caráter de registro histórico, de crítica cultural e política e, por fim, se deixa contaminar pelo cinema e se apresenta como crônica cinematográfica. Além de debater sobre as representações da então capital federal, a comunicação abordará a organização do volume *Cinematographo* e suas relações com as crônicas publicadas no jornal.

▶ CÍNTIA SANMARTIN FERNANDES (UERJ) e MICAEL HERSCHMANN (UFRJ)

**Cartografia Sensível do Rio de Janeiro: derivas, territorialidades e heterotopias.**

A cidade pode ser muitas. Existem cidades dentro da cidade que se compõem a partir de redes-rizomas de práticas, usos, afetos, gostos e experiências (táteis, gustativas, olfativas, sonoras e imagéticas) que, amalgamadas, tecem formas e modos de ser diversos. As cidades são arranjos sociais, espaciais, temporais, corporais, emocionais e técnicos que dão a ver as interações racionais-sensíveis dos diversos lugares que as formam. Considerando esse caleidoscópio citadino, convidamos ao deslocamento epistemológico para compreensão da cidade que considera a complexidade e a mutabilidade constante das conformações dos espaços pelas experiências sonoro-musicais. Ou seja, sugere-se realizar um movimento em direção a um modo de perceber a urbes — o qual coloca “em suspensão” a separação tempo/espaço, sujeito/objeto, natureza/cultura, real/virtual —, no entendimento de que as experiências sonoras partilhadas são capazes de se materializar delineando múltiplas territorialidades ou ambiências. Desse modo, inspirados em João do Rio,

Simmel e Ítalo Calvino — repousamos nosso olhar sobre as cidades menos visíveis —, propomos a *deriva*, e/ou a *flanêrie*, como uma abordagem teórico-compreensiva que permite compreender e mapear os múltiplos usos e práticas sônico-musicais constituidores da experiência urbana. E assim, assumindo como caminho compreensivo-perceptivo a busca dos sentidos das interações sensíveis nos espaços da cidade, o “corpo-pensamento” dos pesquisadores debruça-se sobre as diversas experiências coletivas cotidianas, que se inventam e reinventam — nos interstícios da cidade programada e funcional — através da música e do som, associados às imagens e imaginários, potencializando processos de ressignificação desses lugares por meio de dinâmicas comunicacionais fundadoras de múltiplas “territorialidades sônico-musicais” e heterotopias. Nesse sentido, o objetivo dessa apresentação é abrir o diálogo e discutir uma metodologia encarnada nas experiências sensíveis da cidade, compreendendo a mesma como um espaço dinâmico, aberto e contingente.

▮ CLAUDIA PONCIONI (Universidade Paris 3/ Sorbonne Nouvelle/ CREPAL)

### **Brasil-Portugal em trânsito na correspondência de João do Rio para João de Barros**

As cartas de Paulo Barreto (João do Rio) ao poeta, político e jornalista português João de Barros traçam um panorama das relações entre os dois países no início do século XX. A correspondência iniciada em 1908 só conheceria o seu fim em 1921 com o falecimento precoce do brasileiro. Nelas desfilam as principais pontes entre os dois países: culturais, políticas e financeiras. Pontes essas que se cruzam e se permeiam pelas próprias condições de uma época em que o reconhecimento público de um político supunha o reconhecimento da sua capacidade intelectual. Assim, o financiamento das atividades culturais implicava um jogo de influências que os dois correspondentes conheciam bem e as cartas de João do Rio a João de Barros são os testemunhos de uma intensa circulação de “bens culturais” entre os dois países.

▮ CRISTIANE D'ÁVILA (FIOCRUZ)

### **João do Rio: jornalismo e lusofilia em *Portugal d'agora*, *Atlântida* e *A Pátria***

Entre os anos de 1908 e 1921, o jornalista, cronista, contista, romancista e teatrólogo Paulo Barreto (1881-1921), o João do Rio, escreveu crônicas, realizou entrevistas com personalidades do mundo da política e da diplomacia nacional e internacional e estabeleceu pontes pessoais e profissionais com homens de letras do Brasil e de outras nações, principalmente Portugal. Em seu caminhar intelectual, fez do jornalismo e, sobretudo, da crônica-reportagem, muito além de um ganha-pão: das letras estreitou a aproximação luso-brasileira e fortaleceu a lusofilia como expressão de patriotismo. Ao longo de 13 anos e do livro *Portugal d'agora* (1911), da revista *Atlântida* (1915-1920) e do jornal *A Pátria* (1920-1921) realizou batalha tenaz e aguerrida em defesa da colônia portuguesa no Brasil. Com sua atitude fez amigos, inimigos, porém deixou registros que problematizam uma questão fundamental para jornalistas e instituições de comunicação do presente: a importância do comportamento crítico e de um jornalismo capaz de assumir posições político-ideológicas. Portanto, minha proposta para o evento organizado pelo Labelle/Uerj pelo centenário de morte de João do Rio será debater tais questões, considerando o contexto de grave ameaça à democracia e ao direito à informação que o Brasil atravessa.

▮ DANIELLE CREPALDI CARVALHO (PNAP/FBN)

### **O *film* e a crônica: João do Rio e os dilemas da escrita que se quer cinematógrafo**

João do Rio manteve, durante toda a sua vida, um estreito diálogo com os meios de reprodução, impressão e difusão que lhe eram contemporâneos. Algumas de suas indagações oriundas do contato com os espetáculos cinematográficos já são notórias, tendo sido reveladas por Flora Süssekind em seu brilhante *Cinematógrafo de Letras*; livro cujo título reverbera o conceito cunhado pelo cronista na introdução do volume de

crônicas *Cinematógrafo*, publicado no fim de 1909. Interessa-me, nesta comunicação, ampliar o escopo da ensaísta no intuito de apreender, nas referências de João do Rio ao cinematógrafo escritas entre 1907 e 1920, o diálogo que ele estabeleceu tanto com a oferta de obras cinematográficas apresentada em cada momento, quanto com a recente (ainda que incipiente) produção teórica mundial impressa sobre o assunto. Voltando-me para as crônicas que dão forma às ponderações do cronista, pergunto-me de que modo a produção cinematográfica de seu tempo lhe deu ferramentas para pensar a rua, os indivíduos que a percorriam e o próprio gênero cronístico, através do qual essas instâncias são apreendidas.

▶ DARÍO GÓMEZ SÁNCHEZ (UFPE)

### **Gómez Carrillo e João do Rio: cronistas da alma da rua**

Antecedido por *L'Âme de Paris* (1890) de Theodore de Banville, Enrique Gómez Carrillo publica em 1902 *El alma encantadora de Paris*, que, por sua vez, serve de inspiração para as crônicas de João do Rio sobre o Rio de Janeiro, publicadas sob o título de *A alma encantadora das ruas* em 1908. No centenário da morte do autor carioca não é nosso interesse reiterar suas extensamente documentadas relações com escritor guatemalteco – “relações que rondam as facilidades da cópia” (Bouças C., 2000) —, mas destacar o conceito de alma – e seus derivados – como eixo de uma singular visão da cidade nestes dois escritores americanos. O conceito de Alma – contraposto ao do corpo, mais concreto e moderno (Antelo, 2013) – vai na contramão do progresso positivista de finais do século XIX, e permite reduzir o protagonismo naturalista dos fatos e da verossimilhança, funcionando ainda como eixo de uma visão menos racional, mais etérea ou intuitiva da realidade. Nosso objetivo é demonstrar que a alma se apresenta como o hiperônimo sob o qual Gómez Carrillo e João do Rio incluem características como o segredo, o marginal, o artístico e o sensorial, nas quais acabam concretizando sua original curiosidade nesse espaço uniformizador que é a cidade.

▶ FERNANDO CERISARA GIL (UFPR)

### **Os pobres na Belle Époque de João do Rio e seus contemporâneos**

A ideia dessa intervenção é mostrar que a figura social do pobre entrou no radar de muitos dos nossos escritores nos primeiros decênios do século XX, inclusive e sobretudo do escritor e jornalista João do Rio. Interessa-nos examinar e discutir como era abordada a figura do pobre e, no mesmo passo, como eram compreendidas as condições que levaram grande parcela da população, urbana e rural, a viver no limbo da sociedade brasileira. Tendo a perspectiva de João do Rio como balizador da análise, propomos trazer outros escritores seus contemporâneos, como Coelho Neto e Lima Barreto, para tentar traçar linhas de continuidade e descontinuidade no que podemos chamar de “visões da pobreza” formuladas pelos nossos letrados da época. É possível que as formas de compreensão do pobre e da pobreza, analisadas do ponto de vista da crônica/ensaio desses escritores, sinalizem, por esse ângulo específico, perspectivas insuspeitas, até então, sobre o modo de ver e compreender o país naquele momento.

▶ FRANCINE RICIÉRE (UNIFESP)

### **João do Rio em diálogo com poetas (Cruz e Sousa, Medeiros e Albuquerque e Severiano de Resende): construções e turvações em torno de jornalismo e poesia**

*O momento literário*, de João do Rio, reúne entrevistas com homens de letras brasileiros que apareceram, originalmente, na *Gazeta de Notícias*, entre março e maio de 1905, sendo posteriormente (1909) reunidas em livro. Sílvia Maria Azevedo e Tânia Regina de Luca, em edição recente (2019) desse volume, apontaram questões de grande relevância quanto ao caráter polêmico daquelas intervenções, bem como quanto às complexas relações entre imprensa e literatura, que se vinham então constituindo. O objetivo desta exposi-

ção é refletir sobre alguns modos de pensar a atividade poética naquele específico *momento literário*, cotejando, ainda, alguns dos depoimentos compilados por João do Rio com o conjunto composto no inquérito, bem como com outros documentos que permitem pensar em quais termos a poesia se tornava, por volta de 1905, objeto de discussão pública, admitindo como interlocutores privilegiados alguns poetas, sob mediação da imprensa e da atividade jornalística.

▶ GIOVANNA DEALTRY (UERJ)

#### **Por uma “escrita de excessos” – referencialidade e superfície em *Vida Vertiginosa*, de João do Rio.**

No ano em que *Vida Vertiginosa* completa cento e dez anos de sua publicação, a editora José Olympio convidou-me a escrever a apresentação e as notas para uma nova edição. O projeto conferiu-me a oportunidade de retornar à leitura do volume de crônicas de forma orgânica, compreendendo a funcionalidade de certos modelos autorais desenvolvidos nesta e em outras publicações por João do Rio. Ao longo do trabalho foi possível notar detidamente como a amplitude de referências com as quais o autor trabalha – como outros escritores, políticos e personagens do cotidiano; eventos e costumes da modernidade; locais e passagens históricas etc. – são trazidos à cena para corroborar o discurso de João do Rio, visando um convencimento de seu público leitor. Simultaneamente, presenciamos uma nova forma de escrita marcada pela velocidade da modernidade, consciente da angústia do tempo presente, e que não se escusa de apresentar a dúvida em relação ao agora e ao futuro. Essas duas práticas, aparentemente díspares, convergem para o que nomeio como uma “escrita de excessos”. Na ânsia de tudo fixar em suas crônicas, João do Rio ancora seus textos na referencialidade, no diálogo com pares que atestam sua capacidade dialógica; da mesma forma, o fluxo dos acontecimentos exige uma escrita que apenas roce a superfície do seu tempo.

▶ GUSTAVO COSTA (Graceland University)

#### **Reflexo e imagem: O Rio de Janeiro no olhar de João do Rio e Roberto Arlt**

Nesta apresentação procuro expor algumas representações literárias do Rio de Janeiro, capital brasileira nas primeiras décadas do século XX, através de um conceito criado por mim, o conceito de ‘reflexo e imagem’. Com esse conceito quero enfatizar a natureza reflexiva e circular de qualquer representação. Ou seja, qualquer texto que se propõe produzir uma *imagem*, representar uma determinada realidade (neste caso o Rio de Janeiro, na época referida) está também forçosamente a *refletir* o autor dessas representações. Por outras palavras, qualquer representação é, em parte, uma autorrepresentação, qualquer retrato não deixa de ser, também, um autorretrato; qualquer *imagem* proposta do Rio de Janeiro – para voltar ao meu conceito – é também *reflexo* de quem a propõe. Com esta apresentação, portanto, recorrendo ao conceito ‘reflexo e imagem’, pretendo complementar o modo como *A alma encantadora das ruas* e *Aguafuertes cariocas*, obras que se assumem como representações fiéis ao que se entende como a vida do Rio de Janeiro nas suas épocas respectivas.

▶ JULIA O’DONNELL (UFRJ)

#### **Paulo Barreto e “A cidade” — reflexões a partir de uma coluna de jornal**

A comunicação irá se dedicar à apresentação e análise dos primeiros textos assinados por Paulo Barreto com o pseudônimo de João do Rio: as crônicas da coluna A Cidade, publicadas nos primeiros anos de século XX no jornal Gazeta de Notícias. Debruçado sobre as muitas transformações levadas a cabo pelo então prefeito Pereira Passos, Paulo Barreto fez desse espaço um verdadeiro inventário da morfologia urbana da então capital em rápida transformação. Trata-se de um rico testemunho de suas primeiras aproximações à temática que pouco tempo depois o tornaria célebre. Além de um importante registro das mudanças por

que passava a cidade, a coluna nos põe em contato com um momento-chave da trajetória do autor, em que se consolidava não apenas como um cronista da cidade, mas também como detentor de um estilo próprio de escrita, que tinha no trânsito pelas ruas e na escuta atenta dois de seus principais elementos.

#### ▶ JULIO FRANÇA (UERJ)

##### **“Ruas lúgubres por onde passais com um arrepio”: o Rio de Janeiro como *locus horribilis* em João do Rio**

Outrora consideradas seguras, as áreas urbanas passaram a ser percebidas progressivamente como o principal *locus horribilis* moderno. No caso do Rio de Janeiro, a modernização da cidade veio acompanhada por inúmeros efeitos colaterais: aumento no custo de vida, favelização, surtos de doenças contagiosas, e toda uma série de conflitos nascentes do confronto entre a nova e a velha cidade. E essa urbe assombrosa e assombrada que vemos surgir na ficção decadente de João do Rio, em seu livro *Dentro da Noite* (1910).

#### ▶ IVAN MARCOS RIBEIRO (UFU)

##### **João do Rio, *flâneur* do século XX: interações artísticas nas crônicas do *fin-de-siècle***

Esta fala será centrada em elementos abundantes na obra de João do Rio (1881 – 1921), escritor carioca da virada do século XIX-XX, a saber: características da *belle époque*, em que se nota a busca de modelos europeus, marcadamente os franceses, marca registrada de sua escrita e veneração. Um dos elementos marcantes desse período é a figura do *flâneur*, que João do Rio destaca com precisão em seus trabalhos, maiormente em *A alma encantadora das ruas*, obra em que o espaço é mapeado pelo ponto de vista do *flâneur*, observando e descrevendo lugares e pessoas. Depreende-se dessa abordagem do escritor/crítico carioca um fator que agrega os elementos citados, ou seja, a modernidade. Nesse aspecto, a modernidade assombra as características enfatizadas por João do Rio e ambientadas no cenário carioca de forma a universalizar os espaços observados. Por último, é bom lembrar das interrelações estéticas do escritor carioca com os escritores franceses e também com os ingleses, maiormente Oscar Wilde (1854-1900), de quem era ávido leitor e tradutor. Wilde, como propagador do decadentismo francês, ecoa no Rio de Janeiro do fim do século XIX e encontra um João do Rio apaixonado pela arte e pelos artistas, e dono de um estilo peculiar de escrita que o coloca entre os grandes autores e intelectuais brasileiros da virada do século. Assim, João do Rio conflui com os pressupostos estéticos da modernidade, e lida com temas caros ao decadentismo, ao mesmo tempo que se refere à arte como “ciência de luxo por excelência”, e será essa deferência artística que deverá vir à tona nesta fala.

#### ▶ JOÃO CARLOS RODRIGUES, biógrafo de João do Rio: **Entrevista**

#### ▶ LUCÍA GONZÁLEZ (Universidad Nacional de la Plata – UFRJ)

##### **Apropriações e desvios: a proximidade oblíqua entre João do Rio e Rubén Darío**

No vasto número de crônicas produzidas por Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, nas duas primeiras décadas do século 20, a escrita tensiona-se pela ansiedade de configurar, no texto, uma cidade moderna. O cronista aceita e assume um olhar vertiginoso, atento não só ao que se pode observar no Rio de Janeiro, mas também às cidades daqueles escritores que fazem parte de sua biblioteca, cujas referências são constantemente visíveis em textos como *A alma encantadora das ruas* ou *As religiões no Rio*. As crônicas cariocas tecem, assim, suas coordenadas entre os espaços marginais da cidade, as redações de jornais e revistas e a própria biblioteca. Essa forma de escrever a experiência da modernização não só é observável nas crônicas especificamente sobre o Rio de Janeiro, mas também é possível detectar nas crônicas de viagens do autor: o livro *Portugal d’agora* (1911) e a coluna “Viagem a Buenos Aires” (1915). Na configuração desses

relatos de viagem pode-se observar que não só se expande o espaço urbano por onde o cronista se desloca, mas também se revelam recantos de sua própria biblioteca (ou seja, de suas leituras), pouco visitados pela crítica literária. Se nas crônicas do Rio de Janeiro é possível reconhecer o vestígio de escritores como Jean Lorrain, Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe, entre outros, em *Portugal d'agora* e “Viagem a Buenos Aires” ressoa o escritor nicaraguense Rubén Darío. Neste sentido, o presente trabalho procura indagar, em primeiro lugar, sobre as formas como o relato de viagem *España contemporánea*, escrito por Darío em 1901, se apresenta em *Portugal d'agora* e, em segundo lugar, na autoconfiguração de João do Rio como um *viajante raro*, a que recorre para ingressar em Buenos Aires e que remete à figura do *raro* pensada por Darío no seu livro *Los Raros* (1896). A partir da reflexão sobre o encontro entre esses dois escritores latino-americanos, é possível ensaiar uma (re)leitura dos vínculos e da proximidade entre as letras brasileiras e hispano-americanas do período de entre séculos que leve em consideração o dispositivo da cópia (Santiago, 1971) e a configuração de um roteiro de extimidade entre o argentino e o brasileiro (Antelo, 2008).

▶ MARCELO BULHÕES (UNESP)

### **Um Almofadinha na Escória Urbana – Considerações sobre o Repórter João do Rio**

Situada na ambivalência de se lançar tanto à retratação dos frívolos salões cariocas que decalcavam o figurino da *Belle Époque* parisiense quanto da face de nossa miséria urbana, a produção de João do Rio figura como marco inaugural de uma postura a ser percorrida em décadas posteriores (de Sylvio Floreal a João Antônio, de Benjamim Costallat a Zuenir Ventura, e tantos outros). Em João do Rio o dândi-*flâneur* é face-ta de um cronista-repórter ciente da circunstancialidade do seu ofício. Desvelador do ambiente soturno de nossa escória social, com ele o gênero reportagem traz a singularidade de narrar o próprio ato de reportar, o exercício jornalístico de contato com o mundo em seus trânsitos, abertura franca às contingências do acaso.

▶ MARCUS SOARES (UERJ)

### **Paulo Barreto antes de João do Rio: um jovem escritor no Rio de Janeiro da Belle Époque**

João do Rio foi o mais famoso pseudônimo assumido por Paulo Barreto. Como se sabe, ele apareceu em novembro de 1903 quando Barreto publicou o artigo “O Brasil lê” em um dos mais importantes jornais da cidade do Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias*. No ano seguinte, a partir da publicação da série “As religiões no Rio”, João do Rio assumiria gradativamente a própria identidade de Paulo Barreto, como se percebe na assinatura de quase todos os seus livros. No presente trabalho, proponho uma análise da atuação literária e jornalística de Paulo Barreto antes da aparição de João do Rio.

▶ MARIALVA BARBOSA (UFRJ)

### **Conferência de encerramento: João, o repórter do Rio**

▶ MAURÍCIO SILVA (Universidade Nove de Julho – SP)

### **Écriture artiste: um estudo sobre o estilo de João do Rio e a estética art nouveau**

No Brasil, o aparecimento da estética *art nouveau* coincide com os primeiros anos da República, decorrendo da influência europeia que se verificou acentuadamente durante nossa *Belle Époque*, num típico processo de *transplantação cultural* (MOTTA, 1957) que resultaria, por exemplo, na publicação de revistas claramente influenciadas pela nova estética (*Revista da Semana, Kósmos, Renascença, Careta, Fon-Fon!, O Malho, A Avenida, Íris, Pirralho*); na presença de caricaturistas que cultivavam o traço *art nouveau* (Calixto Cordeiro, Raul Pederneiras, J. Carlos, Voltolino); no trabalho de ilustradores e artistas que se dedicaram



à *art nouveau* (Eliseu Visconti, Belmiro de Almeida, Lucílio de Albuquerque, Helius Seelinger); e, especialmente para o que nos interessa, na predominância de uma literatura com traços dessa estética (Coelho Neto, João do Rio, Afrânio Peixoto, Théo Filho, Benjamim Costallat, Hilário Tácito). Dentre os autores citados, João do Rio é, sem dúvida, o autor que mais e melhor incorporou, em parte de sua produção literária, os influxos do artenovismo (PAES, 1985), tanto em seus romances de extração “mundana” (*A profissão de Jacques Pedreira*, 1913; *Correspondência de uma estação de cura*, 1918), quanto em contos com certo impulso “decadentista” (*Dentro da noite*, 1910; *A mulher e os espelhos*, 1919), sem nos esquecermos das crônicas de funda “laicidade” urbana (*Cinematographo*, 1909; *Vida Vertiginosa*, 1911). O objetivo deste trabalho é analisar parte da produção ficcional de João do Rio, observando sua adesão à estética *art nouveau*, o que faz dele um dos principais autores dessa tendência no Brasil, revelando não apenas como essa expressão artística manifesta suas tensões e contradições internas, mas também como ela interage com a realidade sociocultural brasileira durante a vigência de nossa *Belle Époque* literária.

▮ MILENA RIBEIRO MARTINS (UFPR)

### **Dois romances epistolares brasileiros**

Leitura comparativa de dois romances epistolares brasileiros publicados com intervalo de apenas três anos: *A correspondência de uma estação de cura* (Leite Ribeiro & Maurillo, 1918), de João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) e *A Veranista* (Monteiro Lobato & C., 1921), de Abel Juruá (pseudônimo de Iracema Guimarães Vilela). Aproxima-os o gênero, a modernidade como espírito da época e algo da ambientação. Nos dois casos, viajantes se instalam numa cidade afastada da metrópole moderna e comentam o tempo passado numa cidade menor e menos agitada que a capital, quase sempre valendo-se da comparação para perceber a localidade de veraneio e seus habitantes. Luxo e elite, de um lado, rotina provinciana de outro. Nos dois casos, os remetentes se esforçam por traçar um panorama da cidade de destino, embora por meio de técnicas distintas: uma mais panorâmica e fragmentada, com uma variedade de missivistas e um estilo próximo da crônica; outra um pouco mais próxima, íntima e concentrada, resultado de reduzido número de missivistas. Dada a pouca quantidade de romances epistolares na literatura brasileira, a aproximação pretende destacar alguns aspectos do gênero também na apresentação gráfica da primeira edição, considerando o que há nelas de relevante para a identificação do gênero.

▮ MIRIAN RUFFINI (UTFPR-PB) & CLAUDIA MARCHESE WINFIELD (UTFPR-PB)

### **Tradução anotada de *A bela madame Vargas*: dramaturgia de João do Rio para a língua inglesa**

João do Rio (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto), 1881-1921, foi escritor de destaque do pré-modernismo brasileiro. Cronista, jornalista, dramaturgo e contista singular, fez uso de linguagem bastante particular em suas obras, com o uso de rica adjetivação, anglicismos e galicismos. Adepto das estéticas oriundas da Europa do século XIX, o esteticismo e o decadentismo, o autor insere em sua literatura tais poéticas em suas peças, contos e crônicas. Tradutor e admirador de Oscar Wilde foi, juntamente com Elysio de Carvalho, responsável pela inserção do escritor irlandês no polissistema cultural e literário brasileiro. Suas traduções de *Salomé* (1908), *Intenções* (1910) e *O retrato de Dorian Gray* (1919/1923) são notáveis e recebem reedições até os dias de hoje. A peça teatral intitulada *A bela madame Vargas* foi encenada pela primeira vez em 22 de outubro de 1912 e apresenta a história da madame Hortêncina Benevente Vargas, seus amores e sua vida junto a convivas ricos e ociosos. Dividida entre a promessa de casamento de José Ferreira, seu rico e apaixonado pretendente, e Carlos Villar, seu amante e *bon vivant*, e coibida pelas limitações do papel feminino do início do século XX, a *chick hostess* conta com a amizade do Barão André de Belfort, personagem tipicamente dândi que povoa a literatura paulobarretiana. Este trabalho objetiva estudar as formas de transposição dessa obra da dramaturgia para a língua inglesa, com base nas teorias dos estudos

da tradução. Investiga as configurações linguísticas e lexicais dessa tradução, bem como as transferências culturais, literárias e estéticas presentes no texto de chegada. Empreende tradução anotada e estrangeirizante do texto dramático, de forma a explicar termos históricos, culturais e literários da *Belle Époque* carioca. Os textos teórico-críticos de Susan Bassnett (2005), Patrice Pavis (1989), Antoine Berman (2013) e Paulo Henriques Britto (2012) são consultados para o devido embasamento do cotejo entre tradução e texto fonte. De particular relevância se faz o livro *Paratextos Editoriais*, de Gerard Genette (2009), por abordar a importância das notas de tradutor na manutenção ou correspondência de elementos culturais e literários para a língua estrangeira.

▸ MONICA VERMES (UFES/CNPq)

#### **Os sons e as músicas dos vários Rios de João do Rio**

Cronista da cidade em transformação, João do Rio sinalizou na forma de viver e de escrever a mudança nas sensibilidades suscitada pelos novos tempos, novas imagens, novos aparelhos. Se o século se anunciava como era da imagem, e da imagem em movimento, os sons e as músicas se impõem ou duram. Seja o som das novas engenhocas destinadas ao entretenimento ou a música entoada pelos vendedores ambulantes de que a cidade tentava se livrar, as várias sonoridades se sobrepõem em camadas de espaços, classes e temporalidades. Mais que uma cidade nova que substitui uma cidade antiga – portuguesa e africana —, há uma polifonia de experiências e tempos diferentes que se traduzem também em som. João do Rio registra essa riqueza acústica que exploramos nas crônicas de *A alma encantadora das ruas*, *Cinematógrafo* e *Vida vertiginosa*.

▸ RONALDO SALGADO (UFC)

#### **João do Rio: tino jornalístico e espírito de escritor em plena *Belle Époque* carioca**

A presença fulgurante de João do Rio na cena cultural e jornalística do Rio de Janeiro no início do século XX o transforma numa das principais personalidades da história da imprensa carioca, entre 1899 e 1921, ano de sua morte. A produção jornalística de João do Rio se configura numa mescla de jornalismo e literatura que pode ser metaforizada numa dobradiça que institui a crônica reporteira, misto de crônicas e reportagens, principalmente a partir de obras como *As religiões no Rio* e *A alma encantadora das ruas*.

▸ TONY HARA (UNICAMP)

#### **João do Rio e a atitude de modernidade**

*De onde vem a energia, a força inflexível, a perseverança com que alguém, opondo-se à tradição, procura um conhecimento inteiramente individual do mundo?* Assim como Nietzsche, também me espanto com as criaturas que fazem da própria vida um meio de conhecimento; que experimentam um saber *peçoal* do mundo, aquém ou além dos hábitos do pensamento ou da tradição. Creio que João do Rio faz parte dessa estirpe de pensadores-artistas. Em nossa conversa, gostaria de destacar essa atitude pessoal do cronista, que fez da errância um modo de vida e um meio de acesso às verdades cambiantes de sua época.

▸ VIRGINIA BESSA (IEB/USP)

#### **Os sons encantadores do Rio: indústria do entretenimento, reformas urbanas e cultura sonora na capital da Primeira República**

Entre a última década do século XIX e as primeiras do XX, a paisagem sonora do Rio de Janeiro passou por profundas transformações, provocadas não só pelas intervenções urbanas que alteraram a configuração sócio acústica de diferentes espaços da capital, mas também pela consolidação de uma indústria do

entretenimento, ancorada tanto nas tecnologias de reprodução do som quanto na circulação transnacional de repertórios e práticas musicais. Nesta comunicação, traçaremos um panorama das novas sonoridades urbanas do Rio de Janeiro, bem como de suas implicações musicais e sociais.

▮ VIRGINIA CAMILOTTI (UNESP)

### **João do Rio: a alma moderna e a transmutação de valores**

“Última era”, “Período de dissolução”, “Fim de civilização”, “Civilização que tem em germen todas as decadências”, eis as expressões a partir das quais João do Rio reportou-se frequentemente a historicidade de seu tempo. Na adoção destes descritores por parte do autor de *Vida Vertiginosa* é impossível não reconhecer a apropriação das diagnoses do filósofo da *Vontade de Potência* sobre os tempos modernos. Em “*João do Rio: a alma moderna e a transmutação de valores*” busco explorar uma das mais contundentes inflexões do pensamento nietzschiano sob a produção artística do início do século XX no Brasil, que, tendo definido os principais temas da crítica que o literato/jornalista fizera ao seu tempo, definiu também o modo como propôs inscrever sua escrita nesse mesmo tempo.

▮ WAGNER CORIOLANO (UNIPAMPA)

### **O coração na rua: a geografia humana em João do Rio e João Antônio**

O encontro de João do Rio com João Antônio se dá por diversas conjugações, mas inicialmente tomaremos a captura e o registro da *geografia humana* como uma alavanca ou fator exponencializador, a fim de examinar as entrelinhas de uma declaração de João Antônio sobre a obra João do Rio: Tenho um coração rueiro bem antes de ler *A alma encantadora das ruas* de João do Rio. Não é, pois, uma relação intelectual, é vida. (SEVERIANO, 2005, p. 250). Nos encontros e desencontros entre vida intelectual e *vida como ela é*, João Antônio acaba por se colocar ao lado de João do Rio no que diz respeito à atração pela rua e sua cultura, em andanças pela cidade que se desbordam em primeiros contos, cujo cenário se ambienta na cidade de São Paulo, com personagens ambulantes pelos bairros, ruas e sinucas, em roteiro noturno.

O deslocamento para o Rio de Janeiro da cenografia de sua escrita e a passagem do conto para a reportagem, e outros gêneros jornalísticos, também aproximam João Antonio de João do Rio, cuja obra se compõe por diversos gêneros que tem o periodismo por suporte, antes de serem reunidos em livro. A lição do polígrafo João do Rio se evidencia com a chegada de dois livros distintos de João Antônio, após dez anos da experiência urbana carioca, publicados no mesmo ano: *Leão-de-chácara: contos* (1975) e *Malhação do Judas Carioca* (1975).

▮ WELLINGTON R. FIORUCI (UTFPR-PB)

### **Aventuras e desventuras no limiar do século XX: João do Rio e o gênero policial**

A proposta deste trabalho é realizar uma análise comparativa de dois textos do escritor carioca João do Rio (1881-1921), a saber, “Aventura de hotel”, conto integrante do volume *Dentro da noite* (1910), e “A aventura de Rozendo Moura”, pertencente à coletânea de contos *A mulher e os espelhos* (1919). Em sua poética, o autor soube explorar como poucos as questões sociais e as particularidades humanas de personagens imersos na vida urbana da então capital brasileira do começo do século XX. Tendo em vista tal perspectiva, essa análise objetiva discutir nos contos supracitados a relação das escolhas narrativas do autor com o gênero policial, ainda timidamente experimentado no país naquele momento. Busca-se demonstrar com este trabalho a importância deste escritor para a literatura brasileira, na medida em que esses textos revelam o caráter inovador e percuciente de sua prosa.